

Gentleman's Quaterly, GQ Portugal

José Morais entrevista Luís Moniz Pereira

3 de Agosto 2015

1. Há quantos anos é que dedica o seu tempo à Inteligência Artificial (IA)?

Há 45 anos, desde 1970. Fui o primeiro presidente da Associação Portuguesa Para a Inteligência Artificial (APPIA), fundada em 1983, e constituí o primeiro centro de investigação de IA em Portugal, em 1984 na Universidade Nova de Lisboa.

2. Esperava que tivesse sido conseguido um avanço tão grande num curto espaço de tempo?

A IA data do início dos anos '50. Volta sim volta não, ela é criticada por não ter entretanto avançado tanto quanto prometia, ou tanto quanto era obrigada a prometer, a fim de obter atenção e fundos. Nesta altura goza de grande atenção e fama nos média, mas tal é devido ao grande sucesso de apenas uma parte muito pequena daquilo que é a ambição da IA: ou seja o de sabermos criar entes artificiais com capacidades mentais e de acção tão grandes quanto as nossas, que colaboram e evoluem connosco.

3. Numa altura em que os avanços da inteligência artificial preocupam pessoas como Elon Musk e Stephen Hawking, qual é a sua opinião em relação ao futuro? Há razões para estarmos alarmados?

Os alarmes relativos ao perigo do uso tecnologias devem ser dirigidos ao uso que delas faz uma sociedade, não às tecnologias propriamente ditas, e muito menos à ciência fundamental, a qual não obriga à realização e emprego específicos desta ou daquela tecnologia com este ou aquele fim. O conhecimento em si nunca é perigoso, pelo contrário permitir evitar o perigo.

O alarme que possa existir só pode ser em relação ao mau uso que oportunistas humanos queiram fazer para domínio de outros humanos. Mas esse é um problema político, abrangendo todos e quaisquer aspectos da civilização.

Em relação à IA, existe razão para alarme, claro, quando o seu progresso possa ser mal usado, quando afinal justamente o contrário, o seu bom uso, devia e podia acontecer. De qualquer modo, é sempre com maior progresso tecnológico que se evita, querendo, o mau uso do progresso tecnológico!

Não é a primeira vez, por outro lado, que vejo críticos do sucesso da IA a porem-na em questão com vista ao desvio de fundos de investigação para os seus interesses científicos próprios. Não será por acaso que Hawking conseguiu justamente agora um vultuoso financiamento, da comunidade de físicos e astrónomos, para a procura de inteligência extraterrestre... ao invés de para a criação de inteligência artificial terrestre. Aliás, considero perigoso informar a extraterrestres "estamos aqui", pelos imprevisíveis perigos que os seus desconhecidos robots nos poderão trazer!

A IA põe problemas novos quanto à autonomia de decisão de não-humanos, em particular no que toca a armas inteligentes. A ideia de que deverá haver sempre um ser humano a controlar tais decisões (o "human in the loop") é utópica. Não é possível controlar um enxame de drones ou de lanchas atacantes, como não seria possível controlar uma colónia de formigas se fossem pequenos robots. O comportamento emergente de grupos foge ao controlo individual.

O bom comportamento moral de tais agentes necessita outrossim do desenvolvimento de software com ética, pela qual eles se rejam. Este é um domínio que está a merecer cada vez mais atenção internacional, e ao qual dedico a investigação.

Mas a componente legislativa, e conseqüente enquadramento jurídico-ético, estão em grande atraso relativo à tecnologia existente, pois têm de endereçar a questão nova dos graus de autonomia e responsabilidade dos agentes não-humanos. E não penso, ao dizer isto, apenas em robots com exigência moral mas em todo o género de software, e nomeadamente o especulativo financeiro.

4. E em Portugal, em que grau é que nós estamos em termos de estudos e de desenvolvimentos?

Em Portugal temos vários grupos de grande valor internacional e diversidade científica. Têm uma dimensão humana crítica mas ainda insuficiente para a importância crescente do tema IA, e cujo desenvolvimento interessa portanto promover.

A comunidade de IA está organizada numa associação, a APPIA com cerca de 180 sócios activos, a qual promove agora (8-11 Setembro 2015 em Coimbra) o seu 17º Congresso Internacional, totalmente em Inglês e com as actas publicadas regularmente pela editora Springer.

No ensino superior, a IA está presente, aos vários níveis, em todos os currículos de Informática, e não só.

5. Acha que ainda falta muito para termos robots a lidar com a totalidade das tarefas domésticas e a organizarem a nossa vida?

Sim, falta ainda muito para isso, mas algumas irão sendo conseguidas experimentalmente, embora nada de integrado nem de comercialmente viável.

Julgo que se começará por complementos de tarefas auxiliares bem definidas, como já acontece nalguns hotéis japoneses, e como se começa a explorar experimentalmente em certos hospitais.

O aumento de sucesso passa por o próprio ambiente de actuação dos robots ter já sido projectado e preparado desde início com esse fim.

Acredito aliás que Portugal poderia ser tecnologicamente pioneiro nesse âmbito, construindo instalações dessas completas para pessoas seniores, de idade vária, que desejassem viver aqui confortavelmente as suas reformas, apoiadas por robots empáticos e com discernimento moral.